

Educar para a metáfora e a transparência da linguagem

Jean Lauand¹

Resumo: Etimologias e metáforas, poderosos instrumentos do pensamento e da comunicação, têm sido negligenciados em nossas escolas e na educação em geral: se as palavras tornam-se opacas, nosso pensamento se ressentir; e nossa percepção do mundo se aguça quando ganhamos consciência – também por meio da consideração atenta das etimologias e metáforas – do que dizemos. Os exemplos analisados são sobretudo de expressões antigas e bíblicas. Discutimos também alguns aspectos dos fundamentos antropológicos das metáforas (*amthal*).

Palavras Chave: Etimologia. metáfora. educação. antropologia.

Metaphor, etymology and education

Abstract: An important task of education is to help students in language mastery: transparency in etymology expedites comprehension and extension of language and a conscious and critical use of it. In this article, we discuss the role of metaphors and etymology and examine some instances of sentences (especially from ancient metaphors and biblical expressions) which have, in many cases, become opaque and we try to give them some transparency in order to help teachers and students in classroom. We discuss as well some aspects on the anthropological foundations of metaphors (*amthal*).

Keywords: Etymology. metaphor. education. anthropology.

Introdução

É ponto pacífico afirmar a extraordinária importância da linguagem na Antropologia e na Educação. O filósofo Johannes LOHMANN (2003) chega a falar em “sistema língua/pensamento”: a linguagem, mais do que mero meio de expressão, seria a própria base que possibilita, em interação dialética, o pensamento.

Pense-se, por exemplo, no caso de um falante “nascido” em uma língua como o chinês, que desconhece o verbo ser (tão central na constituição cultural dos sujeitos cuja “pátria é a língua portuguesa”) e os diversos tempos, modos, vozes etc. e nossas 67 formas desse verbo, tão diferentes como: sou, és, fui, foste, seremos, etc. Para não falar do desdobramento ser / estar etc. Certamente, sua percepção do mundo será bastante diferente da de um falante cujo sistema está centrado no verbo “ser”.

E no âmbito do pensamento (ou do “sistema língua/pensamento”) ocupam um lugar especial: a metáfora e as etimologias. Note-se que, neste artigo, trataremos da metáfora no sentido amplo e estendido com que o árabe e as línguas semitas abordam o tema. A língua árabe, tão confundente (no sentido de Ortega y Gasset, sem sentido pejorativo) designa pela mesma e única palavra *mathal* (pl.: *amthal*) realidades tão distintas² para nós como: metáfora, comparação, provérbio, parábola, exemplo etc.

Em um sistema preconceituoso que só valorize a razão lógica, a metáfora pôde ser (erroneamente) considerada como “só um artifício de linguagem frente a rigorosidade explicativa da dedução”, um dos meios veiculados pela educação para “eliminar, neutralizar, dominar ou subjugar o ‘outro’”. (cf. Candau 2009, p. 74)³

¹. Prof. Titular Sênior FEUSP (aposentado) e Titular do PPGE da Univ. Metodista de São Paulo. Este trabalho é fruto das preleções de orientação de TCC de Carlos Alberto Joaquim e Jessica Santos Silva, a quem o autor agradece pelo fecundo diálogo. jeanlaua@usp.br

². Como por exemplo, o inglês é confundente na palavra *to play*, que em português deveríamos distinguir em diversos vocábulos: brincar, jogar, tocar (um instrumento) etc. Devo esta nota a Jessica Santos Silva.

³. In <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ML/article/viewFile/328/326>. Devo esta observação a Carlos Alberto Joaquim.

Evidentemente, pode haver bom ou mau uso da metáfora, mas, interessa-nos aqui, precisamente, o resgate do alcance semântico das metáforas (e dos *amthal* em geral) que usamos.

A importância da metáfora é radicalmente expressa por Sylvio Horta:

Ortega diz que quando alguém “censura o uso de metáforas em filosofia, revela simplesmente o seu desconhecimento do que é filosofia e do que é a metáfora. A metáfora é um instrumento mental imprescindível, é uma forma do pensamento científico”. Afirma que a metáfora é usada “quando nos encontramos com certas realidades difíceis de se pensar (por exemplo: o *fundo* da alma)”, isto é, que “Além de ser um meio de expressão a metáfora é um meio essencial de inteligência”. “A metáfora é uma verdade, é um conhecimento de realidades. Descobre fatos tão positivos como os habitualmente descobertos pela investigação científica”. (HORTA: 2012, 102).

E quanto à etimologia, diz o especialista Gabriel Perissé:

A etimologia como instrumento de leitura permite interpretar com novos olhos e ouvidos as palavras mais “inocentes”, pois inocente nenhuma palavra é. Quem trabalha com elas bem sabe que não o são. Recentemente, deparei com o opúsculo *A função da razão*, de Alfred North Whitehead, publicado em 1929, no qual o filósofo e matemático inglês dizia que, para compreendermos a experiência humana, precisamos analisar as palavras em profundidade, praticar etimologia. Esta convicção metodológica é das mais arraigadas entre os pensadores. Desde Platão aos nossos dias, passando pelos medievais, rastrear a história das palavras constitui passo importante da pesquisa e da reflexão. Se admitirmos que a linguagem, mais do que veículo de informações, é “lugar” (intangível, inabarcável) no qual as relações e nexos se realizam, a etimologia será um dos melhores instrumentos de que dispomos para mapear, investigar e esclarecer em que medida essas relações e nexos condizem com a realidade, ou a negam. A mais imediata constatação é a de que a linguagem está encharcada de realidade... e de nossa subjetividade! Nenhuma palavra, por mais anódina que pareça, encontra-se desvinculada da grande “rede” de sentidos. No campo da cultura, da religiosidade, dos costumes, da política, das artes, das profissões, todas as palavras estabelecem entre si, conosco e com o real, perigosas (e saborosas) ligações. Guardam segredos. Alguns decifráveis. Outros invioláveis. Outros ainda, falsificados por nossa imaginação, o que não deixa de ter o seu encanto. É a chamada “etimologia popular”, expressão cunhada pelo linguista Ernst Förstemann no século XIX, esse esforço ingênuo da população (esforço nosso, portanto) para compreender a formação das palavras que usamos. (PERISSÉ 2010, pp. XV-XVI)

Etimologias e metáforas, poderosos instrumentos do pensamento e da comunicação, têm sido incrivelmente negligenciados em nossas escolas e na educação em geral. Resumindo, de maneira um tanto grosseira, se as palavras tornam-se opacas, nosso pensamento se ressent; por outro lado, nossa percepção do mundo se aguça quando ganhamos consciência – também por meio da consideração atenta das etimologias e metáforas – do que dizemos.

Pretendemos neste trabalho discutir alguns aspectos relativos ao uso, alcance e significado de etimologias e metáforas (*amthal*) para, em seguida, oferecer ao leitor uma amostra (que será ampliada no TCC que está sendo elaborado) de casos de análise etimológica de metáforas e expressões de nossa linguagem comum, particularmente o de algumas expressões provenientes da Bíblia.

Além do interesse teórico que este trabalho possa despertar, trata-se de material de vivo interesse, que pode ser imediatamente utilizado em sala de aula, em todos os níveis do ensino e, em nossas análises, procuraremos também – ao oferecer bases de transparência e compreensão de tantas – ter em conta a transdisciplinaridade.

Referencial teórico: etimologias

Nosso referencial teórico remoto, é o estabelecido por Lauand, no que se refere à Antropologia. Partindo da sentença de Heráclito, que afirma que o caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único, ele explica que a realidade humana está escondida e que só podemos ter acesso a ela por caminhos indiretos: como a etimologia!

Os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem em nossa consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem. Esses grandes *insights* estão, portanto ativos, mas ocultos: em grandes instituições – como, por exemplo, a do tribunal do júri ou a universidade, que tanto nos revelam sobre o espírito humano -, em formas de agir - como é o caso do ato poético, tema recorrente nos próprios poetas - e na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias. Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos da linguagem, a serem descobertos também nas etimologias. Nesse quadro, a etimologia passa a ser importante componente desse laboratório para o filósofo que é a linguagem: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filológicas – e também sociológicas, históricas etc. (LAUAND 2011, 30).

Alguns exemplos são as etimologias das fórmulas de gratidão (*obrigado, gracias, merci* etc.), que escondem em si profundas indicações antropológicas. Como é o caso do inglês *thanks*:

É interessantíssimo verificar a etimologia: na sabedoria da língua inglesa *to thank* (agradecer) e *to think* (pensar) são, em sua origem, e não por acaso, a mesma palavra. Ao definir a etimologia de *thank* o Oxford English Dictionary é claro: "*The primary sense was therefore thought*". E, do mesmo modo, em alemão, *zu danken* (agradecer) é originariamente *zu denken* (pensar). Tudo isto, afinal, é muito compreensível, pois, como todo mundo sabe, só está verdadeiramente agradecido quem pensa no favor que recebeu como tal. Só é agradecido quem pensa, pondera, considera a liberalidade do benfeitor. Quando isto não acontece, surge a justíssima queixa: "Que falta de consideração!" (LAUAND 2007, pp. 41-42).

Particularmente para a educação, as análises etimológicas são importantes – entre outras razões – porque permitem ao educando uma maior consciência das

palavras e frases que está empregando (e da realidade que se “esconde” por detrás delas...). Afinal, o que pretende a educação senão abrir-nos o acesso à realidade?

Referencial teórico pedagógico: a alma como fundamento antropológico

A concepção antropológica mais adequada para a compreensão da metáfora (*mathal*) encontra-se em Tomás de Aquino, como correspondente verbal da realidade do próprio homem: espírito intrinsecamente unido à matéria.

O Ocidente, sobretudo na época moderna, tende a um fragmentarismo, a uma cisão espírito/corpo. E a grande ruptura que o moderno pensamento ocidental instituiu deu-se precisamente em torno à concepção de corpo. Se sempre no Ocidente pairou a tentação de um exagerado dualismo, separando de modo mais ou menos incomunicável e absoluto, por um lado, o intelecto (a mente, o espírito...) e, por outro o corpo e a matéria; a partir de Descartes (*res cogitans* x *res extensa*) tal dicotomia torna-se dominante. (...) Tomás recusa também a dicotomia: alma x corpo. Nada mais alheio ao pensamento de Tomás do que uma incomunicação entre espírito e matéria. O que Tomás, sim, afirma é o homem total, com a *intrínseca* união espírito-corpo, pois a alma, para o Aquinate (que neste ponto segue Aristóteles) é *forma*, ordenada para a *intrínseca* união com a matéria. Por exemplo, Tomás, indica os remédios para a tristeza, que reside na alma. E enfrenta esta questão na *Suma Teológica* I-II 38 e no artigo 5 chega a recomendar banho e sono como remédios contra a tristeza!

Para o que interessa a nosso tema, o reconhecimento da importância da metáfora é o reconhecimento dessa integração espírito-matéria no homem, no âmbito do conhecimento e da educação. Assim, nesse nosso referencial antropológico: mesmo as realidades mais espirituais são alcançadas através do sensível. "Tudo o que nesta vida conhecemos, é conhecido por comparação (*per comparisonem*) com as coisas sensíveis naturais" (I, 84, 8).

Essa sentença, além do mais, sugere-nos que o sentido extensivo e metafórico está presente na linguagem de modo muito mais amplo e intenso do que, à primeira vista, poderíamos supor. E é neste enquadramento que se compreende a doutrina de Tomás como Pedagogia da metáfora, do *mathal*, que aponta precisamente para essa *comparatio*: todo o nosso conhecimento - mesmo o mais espiritual, mesmo o mais abstrato - dá-se *per comparisonem ad res sensibiles naturales* (I, 84,8).

Ao contrário dos anjos - diz Tomás (I,107,1, corpus e ad1) -, que "falam" diretamente entre si, o pensamento de um homem está oculto (*clauditur mens hominis*) para outros homens pela "espessura" do corpo (*grossitatem corporis*). E, assim, é necessário, para a manifestação do pensamento, a mediação do signo sensível. Esta é a razão pela qual a educação, a comunicação e o ensino dão-se por comparação com a realidade sensível: "Daí que também quando queremos fazer alguém entender algo, propomos-lhe *exempla*" (I, 84, 7).

Exempla é precisamente o que fazem os *mathal*, que transmitem o conhecimento e a experiência *per comparisonem ad res sensibiles naturales*. Na base de todo ensino, sempre está o retorno ao concreto. Na famosa questão sobre o ensino - I, 117, 1 -, Tomás afirma que um homem nada pode ensinar a outro, senão movendo, pelo seu ensino, "o discípulo a que este, por sua própria inteligência, forme os conceitos intelectuais, cujos signos o mestre lhe propõe exteriormente" (I, 117, 1 ad 3).

Se o conhecimento que se obtém por busca própria dá-se pela aplicação de princípios universais a casos particulares - que recebe da memória ou da experiência, proporcionadas pelos sentidos -, o mesmo ocorre com o ensino.

Portanto, o mestre pode contribuir para a aprendizagem do discípulo, propondo-lhe alguns auxílios para a inteligência, como: proposições menos universais

(*cum proponit ei aliquas propositiones minus universales*), exemplos sensíveis (*sensibilia exempla*) ou comparações (*similia*) que conduzam o intelecto do educando ao conhecimento das verdades desconhecidas.

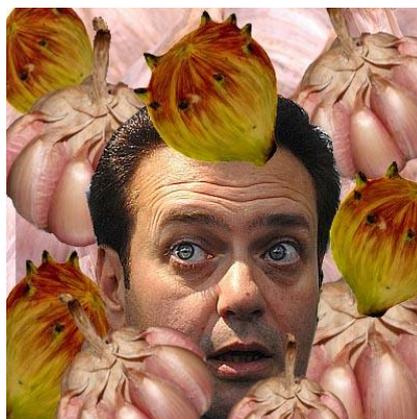
Na verdade, em muitos casos, simplesmente tornou-se invisível para nós que nossos conceitos (aparentemente) abstratos, remetem, em última instância, a realidades concretas: o abstrato “ficar”, ensina HOUAISS (2009), é, afinal, etimologicamente, “fincar”; “jeito” é o modo de lançar a mão; etc.

Metáforas: opacidade e transparência

Uma vez estabelecida uma metáfora, ela pode acabar prevalecendo sobre o termo original sobre a qual ela se produziu. Hoje, em dia, por exemplo, talvez nenhum de nossos alunos saiba o que é bugalho, termo da fitopatologia, que significa “noz de galha” (HOUAISS 2009); mas muitos deles usam a frase feita “(confundir, misturar) alhos com bugalhos” e a metáfora “esbugalhado”.

“Bugalho”, em consulta ao Google, aparece com 239000 resultados (19-03-12); muitos deles como sobrenome (José Bugalho, Maria Bugalho etc.) e muito associado à expressão “alhos (e/) com bugalhos” (201000 no Google).

Já “olhos esbugalhados” é mais conhecido (228000 no Google -19-03-12) e o termo metafórico acabou prevalecendo sobre o original, que quase ninguém conhece.



<http://puteiro-nacional.blogspot.com.br/2011/03/kassab-funda-o-partido-alhos-com.html> (acesso 19-03-11)

Outro aspecto a ter em consideração é que a linguagem está muito ligada às gerações. Julián Marías acertadamente estabelece o espaço geracional, em termos de participação social, em 15 anos. Então, com a atual média de vida do brasileiro, convivem cinco gerações em nosso país. As distâncias de linguagem são por vezes acentuadas e se, por um lado, o bisavô não entende as gírias da garotada; por outro, os jovens usam cegamente as frases feitas dos mais velhos. E não é fácil prescindir delas. Como expressar rápida e eficazmente (o *amthal* tem esse aval), por exemplo, a vontade de A, em determinada situação, de abortar a tentativa do interlocutor, B, de envolver A em um problema que é só de B? E mais: dando a entender, ademais, a ironia de que B desfruta dos sucessos sozinho, mas na hora do aperto, quer dividir o problema com A, mas que desta vez passou da conta?

O exemplo a seguir ilustra muito bem o *gap* geracional de que estamos falando. A situação se resolve com a usadíssima expressão “Nós quem, cara pálida?” (“quem cara pálida” aparece, segundo o Google em 110000 sites! busca em 26-12-11).

Numa conversa entre pessoas de 60 anos, eles sabem muito bem a finíssima ironia e devastador conteúdo do que estão dizendo; mas e os adolescentes, que também se valem da expressão? No “Yahoo – respostas” encontramos a pergunta:

Qual a razão de se chamar o índio [sic] de "Cara Pálida"?

Até hoje não entendi isso... Que significado tem chamar o índio de "Cara Pálida"!?

Bjus e obrigada pelas respostas!!

(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070312075324AAZ0sxz,26-12-11>)

A geração dessa mocinha (e mesmo a de seus pais) nunca terá assistido a *westerns* de índios (os pele vermelhas em contraposição aos caras pálidas); mas há 50 anos esses filmes eram o pão de cada dia, no cinema e na TV. E, como todos de minha época se lembram bem, o Zorro não era (principalmente) o de capa e espada, mas um *ranger* mascarado (daí também a expressão “ficar mascarado⁴” do futebol).

A expressão “Nós, quem, cara pálida?”, procede de uma piada do início dos anos 60. A TV brasileira exibia o seriado do herói *Lone Ranger*, que, no Brasil, foi batizado de Zorro; um *ranger* sempre acompanhado de seu fiel e servil índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “Nós estamos perdidos, Tonto”. Tonto faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: “Nós, quem, cara-pálida?”.



Zorro e Tonto. <http://www.ambrosia.com.br/drops/2011/01/22/johnny-depp-vivera-tonto-nos-cinemas>

Interessante também é o caso da expressão “amigo da onça” (1890000 no Google 19-03-12). Como se sabe, certos provérbios e expressões estão ligados a histórias ou anedotas, resumindo-as numa breve sentença. É o caso, entre nós, da expressão “o amigo da onça”, proveniente daquela piada do caçador que está narrando ao amigo os percalços de seu encontro na selva com uma onça e o amigo, impaciente por saber o fim da história, interrompe com perguntas que antecipam a tragédia: “E a sua espingarda, não funcionou?”, “E, aí, você escorregou?” Até que o caçador se aborrece e indaga: “Espera aí, afinal, você é amigo meu ou amigo da onça?”

A piada é da década de 40 (ou até anterior) e a expressão impôs-se com a genial criação do personagem de Péricles, em 1943, para a então importante revista “O Cruzeiro”, na qual apareceu até 1972.

A perda de conexão entre a expressão “amigo da onça” e a piada que a gerou chegou a tal ponto que a piada foi retomada na “Escolinha do Gugu” (programa de 18-03-12) pelo personagem caipira José Bento (ator João Elias), mas sem o desfecho

⁴ O mascarado Zorro enfrentava casos incríveis e perigosíssimos, afetando naturalidade.

clássico: "Você é amigo meu ou amigo da onça?" Embora de redação e interpretação brilhantes, a piada ficou empobrecida, reduzida a uma mera "mentira de caipira".

José Bento: "...tinha um muro de pedra na minha frente e eu pulei"

Prof. Gugu: "mas onça também pula muro!"

JB conta que fugiu por um espinheiro e PG argumenta que onça também atravessa espinheiro. JB narra que atravessa um rio, e PG lembra que onça também nada.

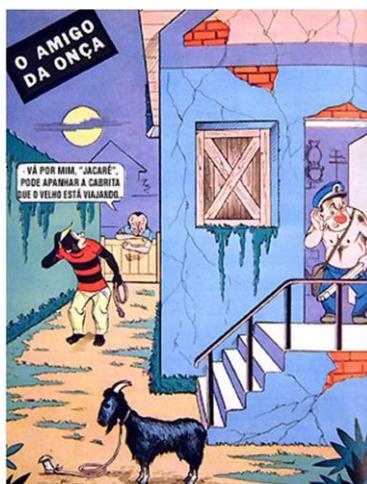
JB: Tá bom, aí ela me pegou

PG: E o que aconteceu?

JB: Eu morri...



<http://www.youtube.com/watch?v=fjmk8pWyMU>



Esse fato merece uma reflexão pedagógica mais ampla.

Só se dispomos de linguagem viva podemos acessar uma realidade: sem a linguagem é muito difícil perceber a realidade: as centenas de termos do futebol é que permitem a compreensão do jogo, tanto em seus aspectos técnicos quanto psicológicos

(expressos por termos como: catimba, tabu etc.). A catimba pode ser punida pelo juiz porque existe a palavra “catimba”. E é um fato inquietante que não disponhamos de linguagem especializada para diferenciar sentimentos (não temos palavras específicas para diferenciar amores tão diferentes como “amor pelo irmão”, “pelo filho”, “pelo cachorro”, “pelo time” etc.), mas encontramos precisão de alta definição em um simples lance determinado de chutar uma bola: bicicleta, meia-bicicleta, puxeta, voleio etc.

A existência da linguagem viva permite combater socialmente atitudes indesejáveis: é mais fácil para o italiano do que para o brasileiro matar as abusivas pretensões do *facilone*, porque a língua italiana dispõe da específica palavra “facilone”, enquanto nós só temos o genérico “folgado”. Estou dando uma carona para alguém e ele diz: “você pode me dar uma paradinha nesta agência de banco, eu vou só abrir uma poupança com o gerente e volto em no máximo cinco minutinhos”. Na Itália, a própria existência da palavra já impede a descabida proposta: todo mundo sabe que abrir uma conta de poupança não é assim fácil: leva no mínimo quarenta e cinco minutos. Só o *facilone* (talvez sinceramente...) imagina que não há fila, que o gerente vai estar lá, que os papéis vão fluir rapidamente etc.

Assim, uma das grandes contribuições da metáfora (do *mathal* em geral) é a de dotar toda uma comunidade da possibilidade de identificar rapidamente e de modo enxuto (e, se for o caso, desmascarar) atitudes que, sem a metáfora, seriam muito abstratas ou complicadas para a comunicação: com a genial metáfora da gíria: “não é minha praia”, o carioca expressa – como se diz em espanhol: “*de modo gráfico*”, contundente – que não se sente à vontade naquela situação, não é sua especialidade, que prefere outra coisa que lhe seja familiar etc. (os ingleses, no caso, dizem, também de modo expressivo: *It is not my cup of tea!*).

A expressão “amigo da onça” permite visualizar uma sutil atitude tão comum no brasileiro e que a língua alemã designa por *Schadenfreude*, a alegria, o gostinho de ver o outro se dar mal: um acidente na estrada, congestiona também a pista do sentido contrário: cada motorista quer avaliar com calma os estragos. Um time brasileiro vai enfrentar um Tegucigalpa na Libertadores, a torcida dos outros times compra quilos de rojões para o caso de sair um gol do Tegucigalpa. E, claro, não assume publicamente essa preferência e, em todo caso, dirá que sua bisavó paterna era hondurenha e que sente uma simpatia pelo Tegu desde criancinha...

Quando essa atitude se torna ativa e induz sutilmente o outro a uma fria, temos o amigo da onça, infelizmente hoje uma metáfora opaca.

Em muitos casos, a opacidade da metáfora numa frase feita deve-se à “lei do mínimo esforço”: todo mundo conhece a frase feita e não é necessário repeti-la toda, afinal para bom entendedor meia pala...

Assim, as novas gerações encontram-se com expressões minimalizadas (e, portanto, menos transparentes) como: “pé” ou “dose” para algo desagradável (“aquela conferência foi um pé (/dose): o cara ficou lendo power point por 10 minutos”). Dose ou pé indicam algo desagradável, chato, insuportável e remetem a expressões originalmente mais longas e transparentes: a dose de uma injeção para cavalo, elefante, leão e animais de grande porte em geral e a ação do pé sobre partes sensíveis do corpo...

Expressões de origem bíblica

No TCC destacaremos metáforas, expressões e frases feitas que remetem à Bíblia. Algumas são muito evidentes e nem requerem explicação: como muitas que se referem a Adão e Eva, ao dilúvio, ao apocalipse, a passagens mais conhecidas da vida

de Cristo. Outras são medianamente transparentes; em outras, ainda, a origem bíblica (ou o fato de se encontrarem na Bíblia) são surpreendentes. É o caso por exemplo de:

Umbigo do mundo – Achar-se o “umbigo do mundo” é achar-se o centro de tudo, atribuir-se importância.

Na canção “Umbigo do mundo” Daniela Mercury proclama: “Isso aqui é o umbigo do mundo”. O indeterminado “isso aqui” parece ser primariamente Salvador, mas pode incluir também a Bahia ou mesmo o Brasil como um todo.

Isso aqui é o umbigo do mundo
Isso aqui é o umbigo do mundo
Onde a beleza tem muitas caras
cores e raças, misturas raras
peles de ébano, de sangue indígena
olhos que brilham como esmeraldas,
caras mestiças de uma nova era
como o futuro que está chegando
sob o sol no umbigo do mundo
e todo mundo está sambando

(Letra e vídeo em: <http://letras.terra.com.br/daniela-mercury/352023/>)

Já a canção “Eu sou o umbigo do mundo”, de Pato Fu, fala do “misterioso ego a quem me entregava” e pede “Não traga nada, nada, nada / Que seja real” (Letra e vídeo em <http://letras.terra.com.br/pato-fu/47991/>).

A expressão aparece na Bíblia: טַבּוּר הָאָרֶץ *Tabur Haaretz* (umbigo da terra) e aparece em Jz 9,37 e Ez 38,12, na qual Deus diz que a terra de Israel é o umbigo do mundo (é importante: a conexão entre o Céu e a terra).

Dar murro em ponta de faca – Insistir em atitude auto-destrutiva e inútil. É também título de uma canção de Chico Buarque (letra e vídeo em: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45100/>). At 26, 14 recolhe a fala de Cristo a Saulo: “Dura coisa te é recalçar contra o agulhão”.

Quem semeia ventos, colhe tempestades – Este conhecido provérbio encontra-se em Oséas (8,7).

Quem dá aos pobres, empresta a Deus – Formulação muito parecida encontra-se em Pv 19, 17.

Quem procura, acha – Mt 7,8 e Lc 11, 10.

Carisma, carismático – personalidade que exerce influência sobre a comunidade; dom para benefício da comunidade (I Tim 4, 14; II Tim 1, 6; I Cor. 1, 7).

Considerações finais

Neste artigo pretendemos apresentar alguns fundamentos de considerações sobre a antropologia e a educação sobre os *amthal* e as metáforas, que serão desenvolvidos no TCC; pesquisa que envolverá também interessantes procedimentos metodológicos.

Referências Bibliográficas

HORTA, S. et al. Educação, contar histórias e artes orientais. **Collatio**. São Paulo, Mandruvá No. 11, 2012 www.hottopos.com/collat11/101-116MesaRedonda.pdf
Acesso em 14-03-12

HOUAISS, A. **Dicionário** eletrônico em CD-ROM. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAUAND, J Os caminhos que levam às ideias. **Língua Portuguesa**. São Paulo, Segmento, Especial Etimologia, pp. 29-31, 2011.

LOHMANN, J. Santo Tomás e os Árabes - Estruturas Lingüísticas e Formas de Pensamento. **Collatio**. São Paulo, Mandruvá No. 8, 2003
<http://www.hottopos.com/collat8/index.htm> Acesso em 14-03-12

PERISSÉ, G. **Palavras e origens**. São Paulo: Saraiva 2010.

Recebido para publicação em 08-03-12; aceito em 12-04-12